

sugeridas pelas diferentes intervenções e abrindo novas pistas de investigação para o estudo das carreiras eclesiásticas, nomeadamente, a que se refere à importância dos laços de parentesco.

O último dia do Encontro consistiu numa manhã de trabalho dedicada ao tema “O papel da prosopografia: dos indivíduos aos grupos”. Tendo como pano de fundo a natureza de projectos de investigação como os *Fasti Ecclesiae Portugaliae*, as três comunicações apresentadas propuseram-nos uma reflexão sobre o método prosopográfico e os sistemas de informação modernos. Cada interveniente procurou sublinhar o desafio que representa hoje em dia conjugar, por um lado, o questionário do historiador que procura conhecer indivíduos ou grupos de indivíduos e, por outro, as potencialidades e limites da informática enquanto ferramenta de investigação (“Les premiers enseignements du puzzle des *Fasti Ecclesiae Gallicanae*”, por Heléne Millet; “What’s in a name? Names, identity and prosopography”, por Katharine Keats Rohan; “SIEP – um sistema de informação com interface Web para apoio ao estudo da prosopografia do clero catedralício português”, por Pedro Henriques).

A estas comunicações seguiu-se um debate que pretendeu abrir a todos os participantes do Encontro a oportunidade de discutirem o tema da manhã: “The role of prosopography – from individuals to groups: which way forward?”.

Com este Encontro, subordinado ao tema “Carreiras Eclesiásticas no Ocidente Cristão (séculos XII-XIV)”, o projecto *Fasti Ecclesiae Portugaliae* relançou o diálogo entre os investigadores portugueses e os de outros países acerca da investigação sobre o clero das catedrais, dando a conhecer os seus primeiros resultados – através de comunicações que se apoiaram nas informações recolhidas e tratadas na base de dados central do projecto – e sugerindo a continuação de trabalhos de investigação, provavelmente, através de uma segunda edição do projecto *Fasti*, balizado agora por cronologias tardo-medievais.

André Evangelista Marques
Filipa Roldão



7º CURSO SOBRE ORDENS MILITARES: «A ORDEM DE SANTIAGO E A EXPANSÃO»

Nos dias 2 e 3 de Junho de 2007, a Câmara Municipal de Palmela organizou mais um curso sobre ordens militares, que contou desta vez com o apoio científico do Centro de História de Além-Mar. O tema escolhido foi *A Ordem de Santiago e a Expansão*. Procurou-se, assim, apresentar aos participantes uma panorâmica dos conhecimentos actuais sobre o papel da Ordem nos primeiros séculos da Expansão Portuguesa, beneficiando da colaboração de vários especialistas que têm trabalhado sobre os dois temas que se articulavam neste encontro.

Como é sabido, a ordem militar que esteve mais envolvida no processo dos Descobrimentos e da Expansão foi a Ordem de Cristo, pois o primeiro impulsionador das navegações, e forte adepto da guerra em Marrocos, foi o infante D. Henrique que era seu

governador (1418-1460) e que soube canalizar para a milícia o governo espiritual dos territórios que iam sendo desbravados, bem como parte da riqueza que encheu os cofres da Coroa. Perdura a imagem dos navios portugueses vogando pelo Oceano de velas desfraldadas com a Cruz de Cristo.

No entanto, a Ordem de Santiago não foi uma mera assistente de descobertas e conquistas, e os seus cavaleiros e comendadores também foram protagonistas deste processo, embora a Ordem como um corpo tenha tido, de facto, um papel mais discreto. Mas é bom lembrar que Vasco da Gama era cavaleiro de Santiago quando descobriu o caminho marítimo para a Índia e que Afonso de Albuquerque sempre pertenceu à mesma milícia.

As palestras deste curso decorreram no dia 2 de Junho e tiveram por objectivo apresentar, por um lado, uma imagem da Ordem ao tempo do arranque dos Descobrimentos e a sua evolução ao longo do século XV e as primeiras intervenções de membros da Ordem na Expansão; por outro, o modo como as lutas políticas que se travaram no final do reinado de D. João II e início do de D. Manuel I, passaram por uma tensão entre a Ordem de Cristo (governada por D. Manuel) e a Ordem de Santiago (governada por D. Jorge) e como isso se reflectiu na nomeação dos comandos da Índia durante uma boa parte do reinado do Venturoso; e finalmente o modo como a Ordem fez parte dos mecanismos de recompensa dos veteranos do Império.

Num primeiro painel, foram introduzidos os dois temas: Luís Filipe Oliveira falou sobre “A Ordem de Santiago no final da Idade Média” e José Damião Rodrigues versou sobre “A Expansão Portuguesa nos Séculos XV e XVI”; depois os dois temas começaram a cruzar-se através da intervenção de Cristina Pimenta sobre “As ordens de Santiago e de Avis no governo de D. Jorge e a sua participação no processo expansionista”, e de Cláudia Silveira que falou sobre “A edificação dos moinhos de maré nos domínios da Ordem de Santiago no tempo dos descobrimentos”. Merece destaque esta última, por se tratar de um assunto menos lembrado quando se estuda este tema, mas de enorme importância. Com efeito, a Expansão e a construção do Império dependeu imenso da capacidade do porto de Lisboa para sustentar as sucessivas armadas que zarpavam do Tejo. Os terrenos envolventes do estuário estavam na primeira linha da produção de alimentos e de aprovisionamento das embarcações, como foi bem salientado nesta comunicação.

Seguiu-se o estudo de dois fidalgos com ligações à Ordem de Santiago que se destacaram no início do século XVI em Marrocos e que também tiveram ligações à Ordem de Cristo, pelo que constituem excelentes exemplos do modo como a Ordem de Santiago se envolveu na expansão e como acabou por sofrer um assédio hegemónico por parte da Ordem de Cristo, desde que o próprio governador desta última se sentou no trono. Teresa Lacerda falou sobre D. João de Meneses, comendador de Aljezur e um dos grandes caudilhos das hostes portuguesas em África entre 1495 e 1514, e João Paulo Oliveira e Costa abordou a biografia de D. Duarte de Meneses, capitão de Tânger e mais tarde governador da Índia.

A encerrar, Fernanda Olival apresentou uma comunicação sobre “O Império, a Ordem de Santiago e a remuneração de serviços”. Abordando um período posterior, a conferencista tratou, assim, de uma nova dinâmica que manteve em articulação as velhas ordens militares e o governo do Império. Já não estava em causa o envolvimento directo das ordens ou dos seus cavaleiros e comendadores no processo ultramarino, mas o serviço à Coroa nas terras de Além-Mar podia assegurar um hábito ou uma comenda de uma ordem. Santiago entrava também nesse esquema remuneratório, no âmbito de uma hierarquia que premiava de forma diferenciada os serviços de acordo com o tempo gasto e com as regiões onde havia sido realizado.

Seguiu-se ainda a apresentação do livro *A Grande Aventura dos Templários. Do princípio ao fim* e uma conferência de Alain Demurger, autor dessa obra, subordinada ao tema “O fim dos Templários”.

No dia 3, decorreu uma visita de estudo às igrejas de Santiago e S. Pedro, sob a direcção de Vítor Serrão.

João Paulo Oliveira e Costa



**CONGRESSO INTERNACIONAL
«AS ORIGENS E O IMPACTO HISTÓRICO-CULTURAL
DAS CONSTITUIÇÕES DA COMPANHIA DE JESUS»**

Decorreu na Pontifícia Universidade Gregoriana, no seu Centro de Congressos *Mateo Ricci* (inaugurado havia menos de um ano), de 15 a 21 de Outubro de 2006, organizado pelo Instituto Histórico da Companhia de Jesus, o Congresso Internacional intitulado *Do Espírito à Estrutura: as Constituições e a formação da cultura jesuíta*.

O acontecido inseriu-se na comemoração do 450º aniversário da morte de Santo Inácio de Loyola e dos 500ºs aniversários dos nascimentos de S. Francisco Xavier e do Beato Pedro Fabro, Jubileu inaciano cuja comemoração decorreu nesse ano de 2006 em todo o mundo. A coordenação do evento esteve a cargo do P. Thomas McCoog, S.J. e estiveram presentes cerca de 85 participantes, de todas as partes do mundo.

O programa dos seis dias de congresso procurou desenvolver a seguinte sequência: investigar a formação da Companhia de Jesus, compreender o desenvolvimento da cultura Jesuíta nascida de uma experiência estruturada e estruturante e, conseqüentemente, verificar a influência subsequente sobre outras congregações religiosas e sobre o mundo.

Assim, o primeiro e segundo dias foram dedicados a compreender a experiência espiritual que está na origem do que viria a ser a Companhia de Jesus e como esta mesma experiência foi vertida no texto das Constituições. Foi ainda discutida a importância que o secretário de Santo Inácio terá tido na elaboração do texto das Constituições da *Societatis Iesu*, a influência que os Padres Gerais seguintes a Santo Inácio terão tido na estruturação deste corpo apostólico e, ponto particularmente interessante, foram abordadas os aspectos inovadores instaurados pelas Constituições da Companhia de Jesus quando confrontados com a tradição e o estilo de vida consagrada admitida por Roma em meados do século XVI, por um lado, e com outras ordens religiosas nascentes à época, por outro.

O terceiro dia, 18 Outubro, foi dedicado ao binómio missão-missões jesuítas (o contraste singular/ plural tem contornos teológicos importantes) e ao seu impacto cultural: das questões políticas na Europa mediterrânica às discussões doutrinais protestantes no norte, do choque cultural vivido na Índia e China de Francisco Xavier às Reduções da América Latina, da perseguição aos cristãos novos acontecida na Europa à perseguição e segregação racial vivida na América do Norte. Como nota dominante destacou-se a releitura da actividade missionária jesuíta feita à luz de um processo de inculturação mais ou menos bem conseguido.